

# AS FORMAS SOCIAIS DE CONSCIÊNCIA: O PENSAMENTO DE ANTONIO GRAMSCI

Alberto Haruyoshi HITOMI

## RESUMO

As formas sociais da consciência como senso comum, bom senso, folclore, religião, ideologia e filosofia são analisadas como parte de uma teoria do conhecimento de acordo com o pensamento de Antonio Gramsci. Juntas, essas formas sociais da consciência constituem a 'filosofia de uma época'; elas explicam porque a ideologia é o terreno onde os homens adquirem consciência dos conflitos sociais e lutam para resolvê-los.

**Palavras-chave:** Formas sociais da consciência; Ideologia; Senso-comum; Filosofia; Materialismo histórico; Representação social; Gramsci; Teoria do Conhecimento.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui uma tentativa de, a partir de Gramsci, atualizar uma série de questões, cujas soluções podem ser encontradas na investigação do problema da ideologia. O estudo da ideologia tornou-se, para nós, um instrumento heurístico. Descrever geneticamente as condições que produziram tal posição é difícil. O que podemos fazer é fornecer as seguintes indicações:

1. Nossa formação é na área de Psicologia, e foi neste contexto que o interesse pelo tema da ideologia se estruturou. Na

época, pensamos hoje, o problema da ideologia era colocado como a questão da dialética objetividade-subjetividade, ou seja, o problema de como o indivíduo constrói sua subjetividade nas relações que estabelece com os objetos e os homens. O ponto de partida para se pensar essas questões era a concepção marxiana do trabalho.

Tratava-se, ingenuamente, de se pensar uma "teoria do indivíduo". As insuficiências dos três grandes sistemas que dominam a Psicologia - a Psicanálise, o Behaviorismo e a Psicologia Humanista - levaram-nos a acreditar que esse núcleo (a tal "teoria do indivíduo") poderia ser o fundamento de uma Psicologia realmente científica, diga-se, marxista, que teria como objeto o estudo da atividade. Partíamos, principalmente, de leituras dos *Manuscritos*, das *Teses sobre Feuerbach*, do *Capital* e, posteriormente, dos *Grundrisse*.

2. No curso de nossos estudos, nasceu-nos a convicção de que seria possível desenvolver uma formulação da ideologia a partir do *Capital*; especialmente da sua fenomenologia implícita e das construções sobre o fetichismo da mercadoria e sobre a reificação das relações sociais, assim como das relações que Marx estabelece, na Introdução de 57, entre os elementos do circuito Produção-Distribuição-Troca-Consumo.

2.1. As observações de Althusser sobre o papel da ideologia na reprodução das relações e condições sociais de produção no quadro da reprodução global das formações sociais; sobre a possibilidade de uma teoria geral da ideologia apoiando-se na Psicanálise; e, enfim, sobre o processo de constituição dos sujeitos, sintetizou várias de nossas preocupações.

2.2. Paralelamente, estudávamos a Epistemologia e a Psicologia Genéticas de Piaget, e nelas identificamos a fundamentação do que atrás designamos como uma teoria do indivíduo. Coincidências teóricas e metodológicas entre as formulações de Piaget e Marx, apontadas por Habermas e Goldman, reforçaram o desejo de aprofundar tais estudos.

3. Apoiando-nos em Marx e Althusser, de um lado, e em Piaget e Freud, de outro, escrevemos um projeto que combinava a análise de um aparelho ideológico (a escola) e das representações de adolescentes em processo de escolarização. Acreditávamos que

com esses quadros de referência poderíamos investigar, empiricamente, os problemas colocados pela ideologia.

3.1. Porém, o contato com os escritos gramscianos, associado a algumas dificuldades práticas de encaminhamento, conduziu-nos a rever nossas posições. Um trabalho que fizemos para esclarecer as relações entre Gramsci e Althusser permitiu algumas conclusões: o esquema básico de Althusser sobre os aparelhos ideológicos de Estado devia-se a Gramsci; algumas indicações de Marx no *Capital* eram decisivas para sua concepção de ideologia; a dialética objetividade-subjetividade poderia ser pensada em Gramsci através das relações que estabelece entre base e superestruturas na constituição do bloco histórico; as reflexões de Gramsci representam a atualização e o desenvolvimento das concepções marxianas nos âmbitos da filosofia, da política, da história, da economia e da cultura. Tais conclusões, entre outras, levaram-nos a sintetizar nossas questões a partir de Gramsci.

É claro que essas observações constituem o modo de hoje analisarmos e descrevermos esses acontecimentos. Pensar essas questões como problemas que se relacionam com a ideologia é, naturalmente, uma visão retrospectiva. O trabalho original que deu origem a esse artigo sintetiza várias dessas questões (Hitomi, 1993).

Propomos uma leitura do que Gramsci chama "concepções de mundo" como formas sociais de consciência e entendemos tais formas como elementos integrantes de uma teoria do conhecimento que está implícita nos *Cadernos*. Tentaremos mostrar como Gramsci estabelece a unidade histórica, filosófica e política das formas sociais de consciência, do próprio homem e da sociedade através do conceito de bloco histórico. Veremos, também de que modo o processo de tomada de consciência pode ser entendido como um momento do processo de constituição ontológica.

## AS FORMAS SOCIAIS DE CONSCIÊNCIA

Todos os homens são intelectuais, todos os homens são filósofos, participam de uma concepção de mundo, possuem uma linha de conduta moral. Contribuem assim, ao mesmo tempo, para

manter ou modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover maneiras de pensar (GRAMSCI, 1989: 8-9). Pensar e agir são modos de participar de uma concepção de mundo, formas de compartilhar de um conjunto de valores e normas de conduta moral.

Todo homem tem dois tipos de consciência, uma consciência contraditória. Uma, implícita na ação, que o une a outros homens na transformação prática da realidade; e outra, verbal ou explícita, que herda do passado e acolhe sem crítica. Esta última também o liga a um grupo social determinado e influi sobre sua conduta moral (GRAMSCI, 1989: 20). O fato intelectual e a norma de conduta estão, frequentemente, em contradição. Existe, assim, em cada um de nós, "um contraste entre pensar e agir, isto é, uma coexistência de duas concepções de mundo, uma afirmada por palavras e outra que se manifesta na ação efetiva" (Ibid. p.14).

A diferença entre o homem comum e os filósofos profissionais ou técnicos não é qualitativa, apenas "quantitativa". E, nesse caso, quantidade indica maior ou menor "homogeneidade", "coerência", "logicidade", isto é, "quantidade de elementos qualitativos". "O filósofo profissional não só pensa com maior rigor lógico, mas também conhece toda história do pensamento". "Ele tem a mesma função que nos outros campos científicos têm os especialistas" (GRAMSCI, 1987a: 34-35). Existe, contudo, uma diferença entre o filósofo especialista e os demais especialistas. "É possível imaginar um entomólogo especialista sem que os outros homens sejam entomólogos, mas é impossível pensar em um homem que não seja também filósofo, já que o pensar é próprio do homem enquanto tal" (Ibid, p.35)

Existe uma "'filosofia espontânea' peculiar a todo mundo" que está contida na linguagem, no senso comum, no bom senso, na religião popular e no folclore (GRAMSCI, 1986a: 11)

A esta filosofia espontânea contrapõe-se uma filosofia sistemática ou homogênea, ou seja, a concepção de mundo que está contida na religião oficial, na ideologia, na política e na filosofia. São esses modos de pensar que se constituem como folclore, senso comum, religião popular, bom senso, religião oficial, ideologia, política

e filosofia que denominaremos formas sociais de consciência. Gramsci denomina-as concepções de mundo.

Na própria linguagem está contida uma concepção de mundo pois ela consiste de "um conjunto de noções e conceitos determinados" (Ibid.). "Toda a linguagem é um contínuo processo de metáforas, sendo a história da semântica um aspecto da história da cultura: a linguagem é, simultaneamente, uma coisa viva e um museu de fósseis da vida e das civilizações" (GRAMSCI, 1987a: 175). A linguagem é um amálgama sincrético do passado e do presente. Enquanto uma coisa viva, a linguagem acompanha o desenvolvimento das civilizações, é modificada pela cultura, pelas relações políticas: "*A linguagem se transforma com o transformar-se de toda a civilização, com o florescer de novas classes para a cultura, com a hegemonia exercida por uma língua nacional sobre as outras, etc., assumindo precisamente, de um modo metafórico, as palavras das civilizações e das culturas precedentes*" (Ibid., p. 176-177).

A exemplo das outras concepções de mundo, a linguagem é um nome coletivo que reflete diferenças sócio-culturais entre indivíduos: "*Linguagem é essencialmente um nome coletivo: ela não pressupõe uma 'coisa' única nem no tempo nem no espaço. Linguagem significa também cultura e filosofia (ainda que no senso comum) e, portanto, o fato 'linguagem' é, na realidade, uma multiplicidade de fatos mais ou menos organicamente coerentes e coordenados: no extremo limite, pode-se dizer que todo ser falante tem uma linguagem pessoal e própria, isto é, um modo pessoal de pensar e de sentir. A cultura, em seus vários níveis, unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos, em estratos numerosos, em contato mais ou menos expressivo, que se entendem entre si em diversos graus, etc.*" (Ibid, p.36)

Ou ainda: "*Se é verdade que toda linguagem contém todos os elementos de uma concepção do mundo e de uma cultura, será igualmente verdade que, a partir da linguagem de cada um, é possível julgar da maior ou menor complexidade da sua concepção do mundo. Quem fala somente o dialeto e compreende a língua nacional em graus diversos, participa necessariamente de uma intuição do mundo mais ou menos restrita e provinciana, fossilizada, anacrônica em relação às diversas correntes de pensamento que dominam a história*

*mundial. Seus interesses serão restritos, mais ou menos corporativos ou economicistas, não universais" (Ibid., p. 13).*

Examinemos cada uma das formas de consciência e as relações que existem entre elas.

## FOLCLORE

O folclore deve ser entendido como *"concepção de mundo" e de vida, em grande medida implícita, de determinados estratos (...) da sociedade, em contraposição (também no mais das vezes implícita, mecânica, objetiva) com as concepções de mundo 'oficiais' (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas) que se sucederam no desenvolvimento histórico" (GRAMSCI, 1986b: 184)*

É a concepção não elaborada e não sistemática do povo, quer dizer, do *"conjunto das classes subalternas e instrumentais de toda a forma de sociedade até agora existente."* É *"reflexo das condições da vida cultural do povo" (Ibid., p. 185)*

Gramsci chega até mesmo a definir o folclore como *"aglomerado indigesto de fragmentos de todas as concepções de mundo e de vida que se sucederam na história" (Ibid., p. 184)*

Porém, não é só o passado que alimenta o folclore, *"também o pensamento e a ciência modernos fornecem novos elementos ao "folclore moderno", na medida em que certas noções científicas e opiniões desligadas de seu contexto e mais ou menos desfiguradas, caem continuamente no domínio popular e são 'inseridas' no mosaico da tradição" (Ibid.).*

Enquanto filosofia espontânea, o folclore é composto, além das concepções de mundo e de vida, pela religião e moral do povo e pelo que poderia ser designado "folclore jurídico". A moral do povo pode ser *"entendida como um determinado conjunto (...) de máximas para a conduta prática e de costumes que derivam delas ou que as produziram; moral esta que é estreitamente ligada, tal como a superstição, às crenças religiosas: existem imperativos que são muito*

*mais fortes, tenazes e eficientes do que os da moral oficial" (Ibid., p. 185).*

Esta moral do povo, sendo parte do folclore, é constituída de elementos do passado e do presente: *"Também nessa esfera deve-se distinguir diversos estratos: os fossilizados que refletem condições de vida passada e que são, portanto, conservadores e reacionários; e os que são uma série de inovações, frequentemente criadoras e progressistas, espontaneamente determinadas por formas e condições de vida em processo de desenvolvimento que estão em contradição (ou são apenas diferentes) com a moral dos estratos dirigentes" (Ibid).*

O "folclore jurídico", por sua vez, é composto por "uma massa de opiniões 'jurídicas' populares que "assumem a forma de 'direito natural'" (Ibid., p. 187-188).

## SENSO COMUM

O senso comum é dentre as formas sociais de consciência, aquele mais amplamente abordado e analisado, teórica e praticamente, por Gramsci. Neste momento, interessa-nos apenas caracterizá-lo, sem a preocupação de determinar as formas específicas que assumiu ou tem assumido na história.

Gramsci define o senso comum como o folclore da filosofia *"e, como folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, adequada à posição social e cultural das multidões, das quais ele é a filosofia" (GRAMSCI, 1987a: 143).*

Afirma também que "os elementos principais do senso comum são fornecidos pelas religiões" (Ibid., p.144). *"Predominam no senso comum os elementos 'realistas', materialistas, isto é, o produto imediato da sensação bruta", "elementos supersticiosos e acríticos" (Ibid., p. 144). "O senso comum é ainda ptolomáico, antropomórfico, antropocêntrico" (Ibid., p.144-145), "é dogmático, ávido por certezas peremptórias, tendo a lógica formal comosua*

expressão" (Ibid., p. 159). *É o senso comum que cria o futuro folclore* (Ibid., p. 178).

O senso comum emprega o princípio de causalidade: em uma série de juízos identifica a causa exata, simples e imediata. Nele existe certa dose de experimentalismo e de observação direta da realidade, embora empírica e limitada (GRAMSCI, 1987a: 35)

A exemplo da linguagem e do folclore, o senso comum não é uniforme nem imutável: *"Cada camada social tem seu próprio 'senso comum' e seu 'bom senso', que são, no fundo, a concepção de vida e do homem mais difundida. Cada corrente filosófica deixa uma sedimentação de 'senso comum': é este o documento de sua efetividade histórica. O senso comum não é algo de rígido e imóvel, ele se transforma continuamente, enriquecendo-se com noções científicas e com opiniões filosóficas que penetraram no costume"* (GRAMSCI, 1986A: 178).

### BOM SENSO<sup>1</sup>

São poucas as definições e análises de Gramsci do bom senso. Designa, para ele, uma concepção de mundo com uma ética adequada à sua estrutura. (GRAMSCI, 1987a: 33).

Em outra passagem, Gramsci distingue os representantes do bom senso: *"os representantes do bom senso são o 'homem da estrada', o 'frances médio' transformado no 'homem médio', 'monsieur tout-le-monde'. Na comédia burguesa deve-se buscar especialmente os representantes do bom senso"* (GRAMSCI, 1977: 272).

Em suas análises, a noção de bom senso torna-se mais clara. Gramsci demonstra, ao analisar a compreensão difundida de filosofia, que o bom senso é o núcleo sadio do senso comum: *"Qual a idéia que o povo faz de filosofia? Pode-se reconstruí-la através das expressões da linguagem comum. Uma das mais difundidas é a de 'tomar as coisas com filosofia', a qual, analisada, não tem por que ser*

(1) Por vezes, Gramsci iguala senso comum e bom senso. Conferir a respeito 1986a e 1987a: 35.



*inteiramente afastada. É verdade que nela se contém um convite implícito à resignação e à paciência, mas parece-me que o ponto mais importante seja, ao contrário, o convite à reflexão, à tomada de consciência de que aquilo que acontece é, no fundo, racional e que assim deve ser enfrentado, concentrando as próprias forças e não se deixando levar pelos impulsos instintivos e violentos. (...) Esse é o núcleo sadio do senso comum, o que poderia ser chamado de bom senso, merecendo ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente" (GRAMSCI, 1987a: 15-16).*

Neste sentido, o bom senso, enquanto contraposição crítica e superação do senso comum, coincidiria com a filosofia (Ibid., p. 14).

## RELIGIÃO

A religião constitui também um nome coletivo para um tipo de concepção de mundo. Representa a unidade de fé entre uma concepção de mundo e uma norma de conduta adequada a ela (GRAMSCI, 1987a: 14 e 264). Fé deve ser entendida "*não como atividade teórica (de criação de um novo pensamento), mas sim como estímulo à ação" (Ibid., p. 212).*

A partir da definição de religião formulada por Nicola Turchi, Gramsci conclui que neste conceito: "*estão pressupostos os seguintes elementos: 1) a crença de que existe uma ou mais divindades pessoais que transcendem as condições terrestres temporais; 2) o sentimento dos homens de que dependem destes seres superiores que governam totalmente a vida do cosmo; 3) a existência de um sistema de relações (culto) entre os homens e os deuses" (GRAMSCI, 1989: 350).*

A religião cristã, particularmente, "*foi e continua a ser uma 'necessidade', uma forma necessária de vontade das massas populares, uma forma determinada de racionalidade do mundo e da vida, fornecendo os quadros gerais para a atividade prática real." (GRAMSCI, 1987a: 24).*

Esta fé, ou seja, esta concepção de mundo e esta moral, não é filosofia espontânea, mas consciência social organizada e hierarquizada pelas igrejas: *"A religião - ou uma igreja determinada - mantém a sua comunidade de fiéis (dentro de certos limites fixados pelas necessidades do desenvolvimento histórico global) na medida em que mantém permanente e organizadamente a própria fé, repetindo infatigavelmente a sua apologética, lutando sempre e em cada momento contra argumentos similares, e mantendo uma hierarquia de intelectuais que emprestem à fé pelo menos a aparência da dignidade do pensamento"* (Ibid., p.27).

## IDEOLOGIA

Em Gramsci a ideologia possui dois sentidos. Do ponto de vista gnoseológico, ideologia é o terreno no qual os homens adquirem consciência dos conflitos fundamentais ("das relações sociais", "do mundo econômico", "da posição social") (GRAMSCI, 1989: 13, 34 e 37; 1987a: 63 e 134). Em sentido geral, ideologia é *"toda concepção particular dos grupos internos da classe que se propõem a resolver problemas imediatos e restritos"* (Ibid., p. 226-7). Ou seja, é o aspecto de massa de qualquer concepção filosófica, pois resulta de "vulgarizações" que "levam as massas à ação concreta, à transformação da realidade" (Ibid., p. 148). Em sentido geral, ideologia deve ser entendida como uma concepção de mundo que se "transforma num movimento cultural", isto é, *"um movimento que produziu uma atividade prática e uma vontade, nas quais esteja contida como 'premissa' teórica implícita"*. É *"a concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas"*. A ideologia mantém, desse modo, *"a unidade de todo o bloco social, do qual é o cimento"*. (GRAMSCI, 1987a: 16). Aqui, ideologia é sinônimo de concepção de mundo, de "filosofia".

Quando Gramsci define ideologia como terreno no qual os indivíduos tomam consciência dos conflitos sociais, ela coincide com o conceito de superestrutura. É, portanto, a definição de Marx

expressa no *Prefácio ao Para a Crítica da Economia Política*, ou seja, ideologia como “formas ideológicas através das quais os homens tomam consciência dos conflitos entre as forças produtivas materiais e as relações de produção”. Entre as formas ideológicas, Marx inclui as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas (Marx, 1982, p. 25). Em geral, Gramsci identifica ideologia e superestrutura. Esta tomada de consciência, porém, para Gramsci, vai além das contradições entre forças produtivas e as relações de produção. A filosofia da **práxis**, por exemplo, “é o terreno no qual determinados grupos sociais tomam consciência do próprio ser social, da própria força, das próprias tarefas, do próprio devenir” (GRAMSCI, 1987a: 270). E, como veremos, através dos intelectuais, os grupos sociais se unificam e tomam consciência de suas funções nas esferas econômica, social e política.

Gramsci especifica, entre as ideologias (além da arte e do direito), a religião (GRAMSCI, 1987a: 68 e 108; 1989: 11), a ciência (GRAMSCI, 1987a: 193) e, inclusive, a filosofia da **práxis** (Ibid., p. 270). Estabelece, ainda, a diferença entre ideologias orgânicas e ideologias arbitrárias: “*É necessário (...) distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, ‘desejadas’.* Na medida em que são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é uma validade ‘psicológica’: elas ‘organizam’ as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc. Na medida em que são ‘arbitrárias’, elas não criam senão ‘movimentos’ individuais, polêmicas etc. (...) (Ibid p. 62-63; destaque do autor).

## FILOSOFIA

Filosofia é a “*concepção de mundo que representa a vida intelectual e moral (catarse de uma determinada vida prática) de todo um grupo social, segundo seus interesses atuais e imediatos, mas também futuros e mediatos*”. (GRAMSCI, 1987a: 226)

Em sentido amplo a filosofia pode ser entendida como uma concepção de mundo, unidade da atividade teórica e prática dos

homens. Através da concepção de mundo, o indivíduo se vincula a um determinado grupo social, representa um modo de compartilhar de uma mesma maneira de pensar e agir: *"somos conformistas de algum conformismo, somos sempre 'homens-massa ou homens-coletivos"* (Ibid., p. 12). Tal concepção de mundo expressa-se tanto na ação quanto no discurso e podem estar, como vimos, historicamente, em contradição (Ibid., p. 20-1). Somente a crítica da própria concepção de mundo lhe dá coerência e unidade. Somente através desse processo de crítica - que é para Gramsci a consciência da própria historicidade - adquire-se consciência daquilo que se é, a consciência da própria personalidade (Ibid., p. 12). Por esta razão *"não se pode separar a filosofia da História da filosofia, nem a cultura da História da cultura"*. Porque *"a própria concepção de mundo responde a determinados problemas colocados pela realidade"* (Ibid., p. 13). Se essa concepção não se forma crítica e coerentemente, somos compostos bizarramente. *"Crítica a própria concepção de mundo (...) significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido"* (Ibid., p. 12).

É a política que estabelece a relação entre o senso comum e a filosofia superior, *"bem como a relação entre o catolicismo dos intelectuais e dos simples"*<sup>2</sup> (GRAMSCI, 1987b: 1383).

A consciência política representa a *"consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica"*, a *"primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam"* (GRAMSCI, 1987a: 21)

O momento da autoconsciência crítica, o momento da consciência política representa, "historica e politicamente, a criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se 'distingue' e não se torna independente 'por si', sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria e prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas 'especializadas' na elaboração conceitual e filosófica" (Ibid.).

(2) Simples, e não "simplicios" como está na edição brasileira (GRAMSCI, 1987a: 19). "Il rapporto tra filosofia 'superiore' e senso comune è assicurato dalla 'politica', così come è assicurato dalla politica il rapporto tra il cattolicesimo degli intellettuali e quello dei 'semplici'".

Na análise das relações de forças políticas Gramsci distingue três momentos da consciência política coletiva: o econômico corporativo, o da solidariedade econômica e o da superação dos interesses corporativos, que é "a mais abertamente política, a passagem da estrutura para a esfera das superestruturas complexas" (GRAMSCI, 1989). O terceiro momento é denominado, ainda, de momento catártico, isto é, "a passagem do momento puramente econômico para o momento ético-político": "a elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens". (GRAMSCI, 1987a: 53).

### A FILOSOFIA DA ÉPOCA

Considerado logicamente, o movimento que vai do folclore à filosofia - passando pela religião, senso comum, bom senso, ideologia e política - representa concepções de mundo cada vez mais coerentes, sistemáticas, complexas e integradas. O nível mais integrado é a concepção filosófica, que constitui uma ordem intelectual, ou seja "apresenta unidade e coerência tanto para a consciência individual quanto para a coletiva" (Ibid., p.14).

Folclore, religião, senso comum, etc., são nomes coletivos. Em cada época histórica "existem diversas filosofias ou concepções de mundo". Tome-se a religião, por exemplo. "*Toda religião é na realidade uma multiplicidade de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também este variado e desconexo*" (Ibid.). Na medida em que, através de uma concepção de mundo, nos vinculamos a um determinado grupo social, "*a escolha e a crítica de uma concepção de mundo são também elas fatos políticos*" (Ibid., p. 15). Enquanto fato político, a escolha de uma concepção de mundo pode ser decorrência "*da submissão e subordinação intelectual*", quando um grupo social a toma emprestado a outro grupo social (Idem), ou resultado da elaboração própria de uma concepção de um modo crítico e consciente, que significa

"participar ativamente na produção da história do mundo" (GRAMSCI, 1987a: 12)

A elaboração própria de uma concepção de mundo significa a manifestação do "espírito de cisão"<sup>3</sup>, ou seja, *a progressiva conquista da consciência da própria personalidade histórica*". (GRAMSCI, 1977: 220).

O conjunto das formas sociais de consciência de uma época, com exceção do folclore, constitui a Filosofia de uma Época. *"A filosofia de uma época não é a filosofia deste ou daquele filósofo, deste ou daquele grupo de intelectuais, desta ou daquela grande parcela das massas populares: é uma combinação de todos esses elementos, culminando em uma determinada direção, na qual sua culminação torna-se norma de ação coletiva, isto é, torna-se 'história' concreta e completa (integral). A filosofia de uma época histórica (...) não é senão a 'história' dessa mesma época, não é sendo a massa de variações que o grupo dirigente conseguiu determinar na realidade precedente: neste sentido, história e filosofia são inseparáveis, formam um 'bloco'. Os elementos filosóficos propriamente ditos, porém, podem ser 'distinguidos' em seus diversos graus: como filosofia dos filósofos, como concepções dos grupos dirigentes (cultura filosófica) e como religiões das grandes massas; e pode-se ver como, em cada um desses graus, ocorrem formas diversas de 'combinação' ideológica"* (GRAMSCI, 1987a: 32).

Em outro momento, Gramsci inclui, entre os elementos da filosofia da época, "as opiniões científicas e o senso comum" (Ibid p. 180). Gramsci afirma, no trecho acima citado, que história e filosofia são inseparáveis, e isso porque a própria concepção de mundo responde a "determinados problemas colocados pela realidade", problemas historicamente determinados. Também que não é possível separar a filosofia da política, pois a escolha de uma concepção de

(3) Cisão é uma categoria utilizada por Georges Sorel, Charles Sanders Peirce e por Williams James. Sorel utiliza o termo "diremption para delinear o campo cindido em cujo interior se define uma nova ciência" (Badaloni, 1987, p. 109, nota 199). Gramsci utiliza essa noção para, por exemplo, indicar a autonomia da filosofia da práxis: "uma teoria é 'revolucionária' precisamente na medida em que é elemento de separação e de distinção consciente em dois campos, na medida em que é um vértice inacessível ao campo adversário". (GRAMSCI, 1987a: 187). Sobre a autonomia da filosofia da práxis (HITOMI, parte II.).

mundo é um fato político, na medida em esta concepção de mundo nos vincula a um a determinado grupo social. Em outras passagens Gramsci postula, ainda, a identidade entre:

## POLÍTICA E HISTÓRIA

“Em que sentido pode-se **identificar a política e a História** e, portanto, toda a vida e a política? Como, em vista disso, todo o sistema das superestruturas pode ser concebido como distinções da política e, portanto, justifique a introdução do conceito de distinção numa filosofia da práxis? Como se pode entender o conceito de círculo entre os graus da superestrutura? Conceito de 'bloco histórico', isto é, a **unidade entre natureza e espírito** (estrutura e sueperestrutura), unidade dos contrários e dos distintos” (GRAMSCI, 1989: 12; grifos nossos).

E entre Política e Economia: “*Se o conceito croceano da paixão como momento da política choca-se com a dificuldade de explicar e justificar as formações políticas permanentes, como os partidos e mais ainda os exércitos nacionais e os Estados-Maiores, uma vez que não se pode conceber uma paixão organizada permanentemente sem que ela se torne racionalidade e reflexão ponderada, isto é, não mais paixão, a solução só pode ser encontrada na **identidade entre política e economia**. A política é ação permanente e dá origem a organizações permanentes, na medida em que efetivamente se identifica com a economia. Mas esta também tem sua distinção, e por isso pode-se falar da 'paixão política' como um impulso imediato à ação, que nasce no terreno 'permanente e orgânico' da vida econômica, mas supera-o, fazendo entrar em jogo sentimentos e aspirações em cuja atmosfera incandescente o próprio cálculo da vida humana individual obedece a leis diversas daquelas do proveito individual, etc.*” (Ibid., p. 14; grifos nossos).

As afirmações de Gramsci sobre a identificação ou unidade entre política e filosofia, história e filosofia, política e história e entre política e economia decorrem, em primeiro lugar, de uma nova concepção da própria filosofia e, em segundo lugar, da compreensão das relações entre base e superestrutura: “*A estrutura e as*

*superestruturas formam um 'bloco histórico', isto é, o conjunto complexo - contraditório e discordante - das superestruturas é o reflexo do conjunto das relações sociais de produção" (GRAMSCI, 1987a: 52).*

No que se refere à filosofia, Gramsci parte de duas proposições fundamentais: da XI tese ad Feuerbach e da afirmação de Engels de que o movimento operário alemão é o herdeiro da filosofia clássica alemã.

Já neste nível altamente abstrato das formas sociais de consciência Gramsci determina a unidade e/ou identidade da política, história, filosofia e economia, que representa, em última análise, a unidade da teoria e da prática. Unidades e identidades que tem implicações para a compreensão do que se convencionou chamar de natureza humana". O próprio homem constitui a unidade das relações sociais e da subjetividade, unidade do objetivo e do subjetivo: "O homem deve ser concebido como um bloco histórico de elementos puramente subjetivos e individuais e de elementos de massa - objetivos ou materiais - com os quais o homem está em relação ativa. Transformar o mundo exterior, as relações gerais, significa fortalecer a si mesmo, desenvolver a si mesmo" (Idem p. 47).

Os elementos da concepção de mundo são, como vimos, a concepção de mundo propriamente dita (uma visão do homem e da vida e de suas relações) e uma norma ativa de conduta adequada a tal concepção. O próprio homem é um bloco histórico de elementos individuais e subjetivos e elementos de massa objetivos ou materiais. A individualidade só se realiza através da atividade transformadora. Tanto o homem quanto a sociedade constituem um bloco histórico!

Estabelecida a unidade filosófica, histórica, política e econômica da concepção de mundo, o processo de conhecimento torna-se ao mesmo tempo um processo de constituição ontológica. A proposição afirmada e insistentemente repetida por Gramsci da ideologia como terreno onde os homens adquirem consciência dos conflitos sociais, além do **valor gnosiológico**, tem **valor ontológico** pois representa a consciência das relações sociais, a consciência da



historicidade da própria personalidade, ou, antes, a possibilidade de sua construção histórica e autônoma. Para os grupos sociais, os responsáveis por essa elaboração crítico-histórica são os intelectuais.

O homem de massa ou o homem coletivo não é para Gramsci uma simples metáfora ou figura, ele possui uma "base econômica", objetiva, material: "grandes fábricas, taylorização e racionalização" (GRAMSCI, 1989; 169). Do mesmo modo, o conformismo apresenta-se como tendência no mundo contemporâneo, decorrente da "estandarização no modo de pensar e de atuar" que "assume dimensões nacionais ou definitivamente continentais" (ibid.).

## CONCLUINDO

As formas sociais de consciência que acabamos de descrever constituem uma teoria do conhecimento. São o desenvolvimento e explicitação do porque a ideologia é o terreno onde os homens adquirem consciência dos conflitos sociais. Esta teoria do conhecimento apresenta-se como uma gnoseologia da política - para utilizarmos uma feliz expressão de BUCI-GLUCKSMANN (1990).

Constituem uma teoria do conhecimento porque descrevem o modo como a consciência social atinge um conhecimento do real, "primeiro no campo da ética, depois no da política" (GRAMSCI, 1987a: 21). É uma teoria do conhecimento e é também uma teoria da cultura. O conhecimento real é - para Gramsci - aquele que se fundamenta na concepção marxista da história, na compreensão da predominância do momento econômico na determinação histórica, na compreensão do modo 'como nasce o movimento histórico sobre a base da estrutura" (GRAMSCI, 1987a: 155). E não é precisamente no campo que habitualmente denominamos cultura que Gramsci desenvolve suas concepções? Gramsci demonstra que a cultura é a filosofia de uma época histórica, a direção intelectual e moral que a classe dirigente imprime a toda a sociedade.

É uma teoria do conhecimento e da cultura **marxista** porque Gramsci parte dos princípios ontológicos e metodológicos de

Marx e Engels. Existem, nos *Cadernos*, seis principais aforismos de Marx e Engels cuja virulência enigmática contagia e movimenta a reflexão gramsciana. Seu pensamento se dobra e se desdobra para atingir o sentido dessas afirmações e suas implicações. Um desses aforismos é o da ideologia como terreno onde os homens adquirem consciência dos conflitos sociais, contido no *Prefácio ao Para a Crítica da Economia Política*. No *Prefácio* a cultura está presente enquanto formas ideológicas. Formas pelas quais os homens adquirem consciência dos conflitos e das transformações sociais: as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas. Formas sociais determinadas de consciência adequadas à estrutura econômica da sociedade. Gramsci demonstra o caráter político da cultura e, por essa razão, a política constitui a chave da interpretação de sua teoria do conhecimento e da cultura. CHAUÍ (1986), por exemplo, elabora a fórmula de que o conceito gramsciano de hegemonia é a cultura numa sociedade de classes: “*A novidade gramsciana consiste em considerar que o conceito de hegemonia inclui o de cultura como processo social global que constitui a ‘visão de mundo’ de um sociedade e de uma época, e o conceito de ideologia como sistema de representações, normas, e valores da classe dominante que ocultam sua particularidade numa universalidade abstrata. Todavia, o conceito de hegemonia ultrapassa aqueles dois conceitos: ultrapassa o de cultura aqueles dois conceitos: ultrapassa o de cultura porque indaga sobre as relações de poder e alcança a origem do fenômeno da obediência e da subordinação; ultrapassa o conceito de ideologia porque envolve todo o processo social vivo percebendo-o como práxis, isto é, as representações, as normas e os valores são práticas sociais e se organizam como e através de práticas sociais dominantes e determinadas. Pode-se dizer que, para Gramsci, a hegemonia é a cultura numa sociedade de classes*” (*Ibid.*, p. 21)

Gramsci desenvolve, particularmente, a observação de Marx a respeito da solidez formal das crenças populares. Essa observação constitui um outro aforismo que Gramsci irá obsessivamente desenvolver<sup>4</sup>. Referindo-se a ela Gramsci assinala: “*Recordar*

---

(4) Os seis aforismos são: 1º) “1. Nenhuma sociedade assume encargos para cuja solução não existam as condições necessárias e suficientes, ou que pelo menos não estejam em vias de aparecer e se desenvolver; 2. Nenhuma sociedade se dissolve e pode ser

*a frequente afirmação de Marx sobre a 'solidez das crenças populares' como elemento necessário de uma determinada situação. Ele diz mais ou menos isto: 'quando esta maneira de conceber tiver a força das crenças populares', etc. Outra afirmação de Marx é a de que uma persuasão popular tem, na maioria dos casos, a mesma energia de uma força material (ou algo semelhante), o que é muito significativo. A análise dessas afirmações, creio, conduz ao fortalecimento da concepção de 'bloco histórico', no qual justamente as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma - sendo que esta distinção entre forma e conteúdo é puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebidas sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais" (GRAMSCI, 1987a: 63).*

A passagem de *O Capital* (MARX, 1966) a que Gramsci se refere é esta: "*Aristóteles não podia decifrar por si mesmo, analisando a forma do valor, o fato de que nas formas dos valores das mercadorias todos os trabalhos se expressam como trabalho humano igual, e portanto como equivalentes, porque a sociedade grega estava baseada no trabalho dos escravos e tinha, portanto, como base natural, a desigualdade entre os homens e suas forças de trabalho. O segredo da expressão do valor, a igualdade e equiparação de valor de todos os trabalhos, enquanto são e pelo fato de serem todos eles trabalho humano em geral, só podia ser descoberto a partir do momento em que a idéia de igualdade humana possuísse já a firmeza de um preconceito popular*". (Ibid., p. 26).

Gramsci interpreta essa referência à firmeza do preconceito popular como solidez do senso comum. O preconceito popular - cren-

---

substituída antes de desenvolver e completar todas as formas de vida implícitas nas suas relações" (GRAMSCI, 1989: 45); 2º) "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras, tratando-se agora de transformá-lo" (GRAMSCI, 1987a: 264). 3º A solidez das crenças populares é um elemento necessário de uma determinada situação. (Ibid., 1987a: 63); 4º) "A filosofia clássica alemã tem como herdeiro legítimo o povo alemão" (Ibid., p. 84); 5º) "A materialidade do mundo é demonstrada pelo longo e trabalhoso desenvolvimento da filosofia e das ciências naturais" (Ibid., p. 170-1); 6º) A ideologia como terreno da tomada de consciência dos conflitos sociais. Gramsci, ao que parece, cita grande parte desses aforismos de memória e quando repete-os muda algumas expressões e a forma literária. Essas variações, na maior parte dos casos, não constituem imprecisões mas interpretações.

ça para Gramsci - que Marx analisa é o conceito da igualdade humana que se torna possível numa sociedade em que a forma mercadoria é a forma geral do produto do trabalho.

Do mesmo modo que o dinheiro e a mercadoria, também as crenças solidificadas possuem a estabilidade - firmeza, tenacidade - das formas naturais da vida social, constituem também formas de pensamento socialmente válidas, objetivas para as condições desse modo de produção, como por exemplo o conceito, ou melhor, o preconceito de igualdade humana.

Para Gramsci, a teoria do conhecimento é uma das partes constitutivas do marxismo, ou seja, da Filosofia da Práxis (GRAMSCI, 1987a: 154-5). A teoria do conhecimento é a dialética (Ibid., p.181). E a dialética, por sua vez, é a "substância medular da Historiografia e da Ciência Política" (Ibid., p.159).

#### ABSTRACT

The social forms of consciousness such as common sense, folklore, good sense, religion, ideology and philosophy are analysed as part of a theory of knowledge, following Antonio Gramsci's thought. Together, these forms of consciousness constitute the 'philosophy of an epoch' and they explain why the ideology is a 'place' where men acquire consciousness of social conflicts.

**Keywords:** Social forms of consciousness; Common sense; Theory of knowledge; Ideology; Gramsci; Philosophy of Praxis; Marxism and consciousness; Social representation.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADALONI, N. A Filosofia da Práxis como previsão. In: Hobsbawn, E. J. (org.). **História do Marxismo**, vol. X: o Marxismo na época da Terceira Internacional: de Gramsci à crise do Stalinismo. Trad. Carlos Nelson Coutinho, 1987.
- BUCI-GLUCKSMANN, C. **Gramsci e o Estado**, 2ª ed. trad. bras. Rio de Janeiro: Angelina Peralva, Paz e Terra, 1990.

- CHAUÍ, M. S. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da História**. 7ª ed. Trad. bras. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987a.
- **Os intelectuais e a Organização da cultura**. 6ª ed. Trad. bras. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986a.
- **Literatura e Vida Nacional**. 3ª ed. trad. e seleção Carlos Nelson Coutinho, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986b.
- **Maquiavel, a Política e o Estado Moderno**. 7ª ed. Trad. Luiz M. Gazzaneo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- **Pasado y Presente**. 1ª ed. Trad. esp. Manlio Macri. Barcelona: Gedisa, 1977.
- **Cartas do Cárcere**. 3ª ed. Trad. e seleção Noênio Spínola. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987b.
- HITOMI, A. H. **Ideologia: relações sociais e subjetividade; estrutura ideológica e formas sociais de consciência**. Campinas: IFCH/Unicamp, 1993. 289p. (Dissertação).
- MARX, Karl. Prefácio [à crítica da economia política]. In: **Para a crítica da economia política; salário, preço e lucro** (Os economistas), 1. ed., trad. Edgar Malagoldi et all. São Paulo: Abril Cultural, 1982.